

# ENCANTOS DA LITERATURA INDÍGENA: UM SABER PARA ALÉM DA SALA DE AULA

## THE SPELL OF INDIGENOUS LITERATURE: KNOWLEDGE BEYOND THE CLASSROOM

Bruna dos Santos Almeida<sup>\*</sup>  
Dieimisom Sfair dos Santos<sup>\*\*</sup>  
Natali Fabiana da Costa e Silva<sup>\*\*\*</sup>

**RESUMO:** O presente artigo visa a explorar a Literatura Indígena a partir do projeto intitulado *Encantos da Literatura e Arte Indígena*, que ocorreu na Escola Indígena Estadual Jorge Iaparrá, na Terra Indígena Uaçá, em Oiapoque. O projeto, elaborado e executado por professores e pesquisadores indígenas, buscou não apenas transmitir um conteúdo acadêmico, mas pensar o conhecimento que transcende o chão da sala de aula. Neste artigo, para além de apresentar o caráter prático do projeto, buscamos trazer conceitos teóricos relevantes para a literatura indígena. Ao associar a teoria à prática, a literatura indígena torna-se mais que um tópico de estudo, ela transforma-se em uma fonte viva de conhecimento que ressoa nas vivências cotidianas dos alunos, da escola e da aldeia. Nossa pesquisa busca, desse modo, contribuir para a formação de cidadãos conscientes e culturalmente sensíveis.

**PALAVRAS CHAVES:** Literatura Indígena. Escola indígena. Amazônia. Aldeia Manga. Karipuna

**ABSTRACT:** This article aims to explore Indigenous Literature based on the project entitled *Spell of Indigenous Literature and Art*, which took place at the Jorge Iaparrá State Indigenous School, at Uaçá Indigenous Land, in Oiapoque. The project, designed and carried out by indigenous teachers and researchers, sought not just to transmit academic content, but to think about knowledge that transcends the physical limits of the classroom. In this article, as well as presenting the practical nature of the project, we try to bring up theoretical concepts that are relevant to indigenous literature. By associating theory with practice, indigenous literature becomes more than a topic of study, it becomes a living source of knowledge that resonates with the daily experiences of the students, the school and the community. Our research thus seeks to contribute to the formation of aware and culturally sensitive citizens.

**KEYWORDS:** Indigenous literature. Indigenous school. Amazonia. Manga community. Karipuna

<sup>\*</sup> Mestre em Letras pela Universidade Federal do Amapá. Professora da Escola Estadual Indígena Jorge Iaparrá. Email: [brunaoyk@hotmail.com](mailto:brunaoyk@hotmail.com)

<sup>\*\*</sup> Graduado em Licenciatura Intercultural Indígena pela Universidade Federal do Amapá. Professor da Escola Estadual Indígena Jorge Iaparrá. E-mail: [dssfair@gmail.com](mailto:dssfair@gmail.com)

<sup>\*\*\*</sup> Doutora em Estudos Literários pela Universidade Estadual Paulista (câmpus de Araraquara). Professora adjunta da Universidade Federal do Amapá. E-mail: [natali\\_costa@hotmail.com](mailto:natali_costa@hotmail.com)

## Introdução

A presente pesquisa apresentará conhecimentos empíricos, teóricos e didáticos oriundos da execução do projeto *Encantos da Literatura e Arte Indígena*, realizado na Escola Indígena Estadual Jorge Iaparrá, localizada no extremo Norte do Brasil, a saber, na Aldeia Manga do Povo Karipuna, dentro da Terra Indígena Uaçá, no município de Oiapoque, Estado do Amapá. As discussões encetadas aqui são essenciais para a formação do aluno indígena e, ao mesmo tempo, abrem caminhos para que também o professor não indígena trabalhe a literatura indígena em suas aulas, fortalecendo, assim, a luta e resistência dos povos originários e ampliando a circulação de autores e obras indígenas em território nacional.

Embora a literatura indígena venha granjeando destaque e reconhecimento crescente principalmente a partir da Lei 11.645/08, percebe-se que a discussão em torno dela também envolve algumas perspectivas críticas, não raras as vezes, portadoras de pontos de vista divergentes. Alguns estudiosos podem questionar a classificação específica da "literatura indígena", levantar preocupações sobre a generalização de diferentes experiências culturais dentro dela ou, até mesmo, inquirir se qualquer pessoa pode escrever literatura indígena.

Diante dessas indagações, é fundamental reconhecer as discussões em torno da produção e circulação da literatura indígena, pois elas contribuem para um diálogo mais amplo sobre representatividade, autenticidade e inclusão na esfera literária. A literatura indígena, como qualquer outra literatura, não é homogênea e a reflexão sobre suas questões contribui para um entendimento mais profundo e sensível das narrativas indígenas.

Por isso, além de compartilhar a experiência do projeto na escola Jorge Iaparrá, também buscamos problematizar algumas noções que permeiam o campo dos estudos da literatura indígena. Para embasar a discussão proposta neste artigo, optamos em trazer as contribuições teóricas de autores indígenas e principais

precursores dessa literatura, entre eles Graça Graúna (2013), Davi Kopenawa e Bruce Albert (2015), Julie Trudruá Dorrico (2015; 2018), Kaká Werá Jecupé (2016), Daniel Munduruku (2017), Márcia Kambéba (2018; 2020), Eliane Potiguara (2019), entre outros, por considerá-los intelectuais engajados e essenciais para a consolidação da literatura indígena.

Nossas produções, muitas vezes, estão somente nos territórios indígenas e precisam ganhar visibilidade. Ao apresentarmos o trabalho ou pesquisas realizadas por parentes<sup>1</sup> indígenas, inspiramos uns aos outros a produzir escrita na língua materna, ocidental ou alfabética. O acesso à leitura por nossos alunos indígenas possibilita a compreensão de seu lugar de fala, a disseminação de seu mundo de conhecimentos, assim como ajuda os professores (sobretudo os não indígenas) a repensarem formas didáticas de trabalho que envolvam a temática indígena.

Nas próximas linhas, apresentaremos brevemente o projeto *Encantos da Literatura e Arte Indígena* e a escola onde ele foi realizado. No momento da realização do projeto, a Escola Indígena Estadual Jorge Iaparrá possuía trezentos e sessenta e dois alunos, compreendendo discentes matriculados desde o Ensino Infantil ao Ensino Médio. Nesse ambiente, ao longo de 2023, buscamos fortalecer a temática da literatura indígena por meio da divulgação das produções e da descoberta de escritores indígenas pelos alunos. Trata-se de um projeto pioneiro no território e que abrange não somente a escrita, mas a arte em suas diversas formas de expressão.

O projeto foi uma ação idealizada e executada por professores indígenas pensando o alunado indígena. Implantado no ano de 2023, promoveu inúmeras atividades destinadas aos alunos do sétimo e oitavo ano do Ensino Fundamental e do terceiro ano do Ensino Médio, totalizando uma participação de sessenta e quatro alunos. Além deles, tivemos a participação (não regular) de alguns discentes de outras séries que se interessaram pelo projeto. Antes do

---

<sup>1</sup> *Parentes* ou *parentas* é um termo que diz respeito à denominação dada entre si por indígenas oriundos do mesmo povo ou de nações distintas.

detalhamento das atividades no âmbito do *Encantos da Literatura e Arte Indígena*, buscaremos tecer algumas reflexões sobre a literatura indígena contemporânea, pois foram essas discussões que auxiliaram a pensar a prática pedagógica a partir de nosso olhar e nossa episteme.

### Literatura Indígena Contemporânea

Para falar sobre Literatura Indígena Contemporânea, é preciso conhecer e reconhecer as obras dos nossos teóricos indígenas que surgem como resistência. Trazer essas reflexões sobre a referida pauta é abrir um leque de informações e agregar aos nossos saberes. Segundo Munduruku (2017),

Vale lembrar que a Literatura Indígena [...] nasceu com o primeiro sopro vital do criador. Foi crescendo a Palavra e se transformando em escrita mais recentemente. Talvez possamos pensá-la em um movimento de transição em que oralidade e literatura criam uma simbiose tamanha incapaz de haver separação ou anulação de uma pela outra. Quero dizer com isso que a literatura não apaga a oralidade ou vice-versa. As duas se completam, se fundem no mesmo movimento do espiral que junta o passado e presente como um método pedagógico que se atualiza constantemente. Nesse sentido, o movimento histórico da literatura nativa brasileira se confunde com surgimento do movimento político que mobilizou mentes e corações em torno da sobrevivência física e espiritual de nossa gente. Foi, no entanto, na década de 1990 que ela ganhou as dimensões que hoje ocupa no cenário nacional [...]. (Munduruku, 2017, p. 122)

A citação acima ressalta a relação entre a literatura indígena e sua conexão com a oralidade, assim como destaca o contexto histórico e político em que ela se desenvolveu, reafirmando a resistência (e a existência) de autores indígenas muito antes de ganharem visibilidade através das mídias: “apesar da falta do seu reconhecimento na sociedade letrada, as vozes indígenas não se calam. O seu lugar está reservado na história de um outro mundo possível” (GRAÚNA, 2013, p.55). Sobre o pensamento de Graúna (2013), ressalta-se a importância de reconhecer a propriedade intelectual indígena e respeitar suas múltiplas formas de expressão. A literatura indígena contemporânea é vista como parte integrante da luta identitária dos povos originários, enraizada no saber coletivo, na pajelança, na ancestralidade e na oralidade.

Ela se torna um instrumento precioso para contar as próprias histórias, preservar tradições e desafiar os estereótipos impostos aos povos originários. Ancorada na conexão entre gerações e nas práticas tradicionais, a literatura indígena reforça a importância da comunidade na preservação e na transmissão do conhecimento, destacando tanto a pajelança quanto a ancestralidade como elementos fundamentais para a criação literária. A tradição oral, por sua vez, não só preserva as narrativas, mas também valoriza a escuta e a comunicação dentro das comunidades.

Entendida por nós como uma prática profundamente enraizada nas tradições e cosmologias indígenas envolvendo cantos e rituais, assim como o uso de ervas medicinais e outras técnicas tradicionais com o objetivo de promover a cura física, mental e espiritual, a pajelança é um modo de manutenção da coesão social e da identidade cultural das comunidades indígenas. Isso porque, para além da cura, está alicerçada na tradição e sabedoria dos povos originários, fortalecendo o pertencimento identitário. Nesse sentido, por exemplo, a prática xamânica pode influenciar a criação literária, trazendo elementos espirituais e místicos para as narrativas. Para refletir sobre essa discussão, segue o poema da escritora indígena Márcia Kambeba (2020).

Espírito da Onça

No mundo espiritual  
A onça deixa resplandecer  
Sua forma sobrenatural  
No mundo dos espíritos  
Deixa a forma animal  
Transmutação!  
Aparece bela como guerreira imortal  
[...]  
Yawaretê ou mekó  
A onça anda só  
Pela mata ao luar  
Faz-se em sonho conhecer  
Para o moço hipnotizar  
E o pajé? É cura milenar. (Kambeba, 2020, p. 82)

De acordo com Kambeba (2020), o Pajé é considerado um guardião do conhecimento ancestral, sendo responsável por transmitir e preservar os

ensinamentos tradicionais, as cerimônias sagradas e os rituais de cura. Além disso, ele é um líder espiritual e um intermediário entre os seres humanos e os espíritos, atuando como curandeiro, conselheiro e mediador em questões espirituais e de saúde. Suas habilidades e conhecimentos são adquiridos ao longo de anos e de experiências, e são fundamentais para a manutenção do equilíbrio e da harmonia dentro das comunidades indígenas.

Na mesma linha de pensamento, citamos as considerações de Kaká Werá Jecupé (2016),

No Brasil, o conceito da palavra “Xamã” foi introduzido na língua tupi como “Pajé”, que vem da raiz Mbáe. Seu significado é “sabedoria ativa”, “sabedoria desperta”. É algo assim como a palavra budhi, de buda. Por estes lados da América, o xamã é aquele que acendeu a si o fogo da sabedoria e utiliza esse fogo para cuidar da comunidade, de si mesmo e agir, como guardião de nossa casa em comum: a Mãe Terra. (Jecupé, 2016, p.46)

Jecupé traz sua visão sobre o Xamã (Pajé), ressaltando sua importância como um guardião da sabedoria e do equilíbrio - tanto em nível individual quanto coletivo -, o que reforça a ligação entre a sabedoria espiritual e a responsabilidade ambiental. Esse é um olhar significativo sobre a figura do Xamã, que pode enriquecer e ampliar a compreensão da cultura e espiritualidade indígena.

A exemplo disto, a literatura de Davi Kopenawa e Bruce Albert, na obra *A queda do céu: palavras de um xamã Yanomami* (2015), traz as reflexões e os saberes do povo Yanomami sobre o meio ambiente e a espiritualidade. Elas não são diferentes da concepção de mundo Karipuna, com a diferença de que o que é chamado de *Xapiri* pelos Yanomami, chamamos de *Karuanãs*, espíritos das florestas, rios, lagos, etc., que são os seres encantados que estabelecem a paz espiritual entre os mundos. “Piai” é como nós, Karipuna, também chamamos o Pajé. Ele é quem cuida e recebe os *Karuanãs*. Ele guia nosso povo, cuidando do corpo e do espírito e guarda consigo toda uma memória de ensinamentos e narrativas orais.

Somando-se às discussões sobre Literatura Indígena Contemporânea, a escrita de Eliane Potiguara é referência para as atuais produções e registros. Vale lembrar que ela é a primeira mulher indígena, no Brasil, a ter livros publicados.

[...]  
Mas enquanto eu tiver coração aceso  
Não morre a indígena em mim e  
E nem tampouco o compromisso que assumi  
Perante os mortos  
De caminhar com minha gente passo a passo  
[...]. (Potiguara, 2019, p.113)

O poema "Identidade indígena" é um marco na literatura brasileira, pois traz à tona as vivências da sua própria identidade e a luta contínua dos povos indígenas pela preservação de suas tradições e cultura em um contexto de colonização e marginalização. Seus versos levam os leitores a repensarem a narrativa dominante sobre os povos indígenas e a considerarem as suas perspectivas e experiências.

No trecho supracitado, o eu-lírico celebra a resiliência e a força dos povos originários, destacando a importância de manter viva a herança cultural e a conexão com a terra. Apesar do uso na primeira pessoa do singular ("Mas enquanto **eu** tiver coração aceso" - grifo nosso), a voz que se afirma como subjetividade indígena não se desvincula da conexão com o coletivo e com a ancestralidade ("[...] o compromisso que assumi/Perante os mortos/De caminhar com minha gente passo a passo").

Na esteira desse pensamento, Graça Graúna, considerada uma das principais críticas literárias indígenas, em *Contrapontos da Literatura Indígena Contemporânea no Brasil* (2013), traz o debate tão preciso sobre o lugar da literatura e da cultura indígena em nosso país,

A literatura indígena contemporânea é um lugar utópico (de sobrevivências), uma variante do épico tecido pela oralidade; um lugar de confluência de vozes silenciadas e exiladas (escritas) ao longo de 500 anos de colonização. [...]. (Graúna, 2013, p.15).

Esse lugar de sobrevivência se faz necessário porque nossos corpos-territórios ainda são violentados no tempo presente. Também Walter (2013) nos instiga a

pensar a importância de uma crítica literária indígena que fomente a ampliação dos processos de cunho nacional multicultural.

[...] a literatura indígena e sua crítica literária são fundamentais em a) afirmar e problematizar a cultura e direitos indígenas e assim contribuir para ampliação do processo da construção nacional multicultural; e b) retificar as distorções do discurso hegemônico cujos estereótipos definem os indígenas por meio de uma categoria de exotismo, primitivo e/ou desumanidade. (Walter, 2013, p.12).

Ao reconhecer a literatura indígena como movimento literário, nós contamos nossa história à nossa maneira e corrigimos toda propagação pejorativa que ainda existe a nosso respeito. Ailton Krenak, ao ocupar o Congresso Nacional na luta pelo processo da constituinte e ser o primeiro indígena reconhecido como intelectual a ter uma cadeira (a de número cinco) na Academia Brasileira de Letras, conquistou um marco para nossa luta na ocupação de espaços de protagonismo. Seu discurso ecoa e agrega nossos valores. Nosso sagrado jenipapo e urucum, presentes nas nossas narrativas, mostram e afirmam que sempre estiveram conosco a trazer a tinta para matizar a literatura. Isto equivale a afirmar que nossa luta se perpetuará enquanto houver indígenas neste Brasil.

Cabe, então, enfatizar as sábias palavras de Graça Graúna: “apesar da intromissão dos valores dominantes, o jeito de ser e de viver dos povos indígenas vence o tempo; a tradição oral, escrita, coletiva, híbrida, plural é uma prova dessa resistência” (GRAÚNA, 2013, p. 15). As reflexões trazidas pela autora são de grande relevância, pois a literatura indígena no Brasil continua sendo negada, assim como seus escritores e escritoras. Se nossa inclusão está se tornando obrigatória, não é porque a sociedade em si está nos reconhecendo, mas porque as políticas de inclusão estão sendo colocadas em prática, como é o caso da Lei 11.645/08.

[...] apesar de pouco reconhecidos escritores indígenas no mercado editorial dominante - uma das faces de evolução do movimento literário indígena no Brasil. Essa evolução revela-se em muitos aspectos: na propriedade intelectual de autores indígenas que atuam, também, como articuladores de fóruns sobre questões de gêneros e direitos indígenas e de eventos literários [...]. (Graúna, 2023, p.81)



Logo, as editoras e todos que integram o mercado editorial (do autor ao leitor) precisam reconhecer e difundir a contribuição da nossa literatura indígena. Para finalizar nossa discussão sobre ela, lembramos as observações de Dorrico et al. (2019). Esses autores falam do eu-nós lírico-político presente nessa literatura, criando uma imbricação entre comunidade, etnia e escritor individual. Esses três aspectos, juntos, tornam-se a base epistemológica, política e estética de nossa forma de arte.

### **Caminhos entre mundos: o visível e o invisível**

Desde pequenos, aprendemos sobre respeito e sobre os mundos. Aprendemos também a caminhar nesses mundos e a sobreviver com a força da mãe terra. Estamos vivenciando a todo momento essas passagens entre os mundos. Nas aldeias, prevalece o saber ancestral de estarmos vinculados diretamente aos elementos que movem o universo cosmológico guiado pelos seres encantados ou invisíveis.

Nossos escritos trazem o sopro da vida que entrelaça as palavras e fazem surgir os mais belos poemas e narrativas do ser visível, mas que ainda permanecem invisíveis aos olhos humanos. *Papião botã* (a borboleta do verão) está aqui nesses escritos, conduzindo essas linhas tênues que chegarão ao mundo visível. Assim chamamos esses *Karuanãs*, que nos acompanham por onde transitamos, seja na oralidade, na escrita, no turé, dentro e fora dos nossos territórios.

Aos humanos, pessoas que não possuem conexão com o outro mundo, isso seria uma simples *Phoebis philea philea* (borboleta Amarela). Para nós, indígenas, ela é um ser invisível. Quando

elas aparecem significa que gente lá do outro mundo está dançando, elas vêm com Lapusiê (Constelação Cruzeiro do Sul) e Tavará (Constelação do Palikur). Nesse tempo, Lapusiê faz convite para borboleta, para passear no fundo do mar e preparar o Turé. (Scaramuzzi et al., 2023, p. 51)

De acordo com a nossa sabedoria, a presença dessas borboletas não só se torna um marcador temporal, como significa a chegada de mulheres bonitas e

encantadoras que vêm de lugares diferentes e distantes para participarem do nosso ritual.

Discorrer sobre essa literatura que está na invisibilidade nos permite reconhecer os avanços alcançados, o que nos instiga a produzir dentro dos nossos territórios. Compartilhar nossa produção pelas mídias sociais nos torna visíveis, do mesmo modo que compartilhar esses conhecimentos sobre nosso saber é somar para a diversificação do panorama literário brasileiro. No entanto, é importante reconhecer que ainda há um longo caminho a percorrer para garantir a presença e o reconhecimento muito maior e adequado para escritores indígenas.

Uma ferramenta que se considera importante são as redes sociais, que têm proporcionado aos escritores indígenas a possibilidade de compartilhamento de seus escritos como forma de difusão. A reflexão sobre a visibilidade indígena pode ser enriquecida ao observar as experiências de outros grupos minoritários, aprendendo com estratégias bem-sucedidas e identificando desafios comuns. A educação e sensibilização para promover uma maior compreensão e valorização da literatura e da cultura indígena são fundamentais para investir em programas educacionais que incorporem essas perspectivas nos currículos escolares. Para isso, trazemos um exemplo plausível de projeto literário indígena.

79

### ***Encantos da literatura e arte indígena na escola Jorge Iaparrá***

A partir de 1996, com a existência da escola, iniciou-se alguns projetos para os povos indígenas do Oiapoque incluindo os Karipuna. Um desses projetos foi a produção dos seus próprios livros de alfabetização na língua kheoul e que reuniu várias narrativas orais dos Karipuna. De acordo com Almeida e Feitosa (2018), a produção literária dos Karipuna passa a existir por meio da chegada da educação escolar e projetos desenvolvidos pelo Conselho Missionário Indigenista através da implantação do currículo específico dos povos indígenas de Oiapoque. O currículo visa trabalhar a valorização da cultura indígena e, para isso, estrutura-se a partir da coleta de informações sobre a vida da família, da aldeia e do povo. Entre os projetos do CIMI, está a produção de livretos com narrativas orais coletadas entre os Karipuna e Galibi-Marworno. (Almeida, 2022, p.62)

Sobre a proposta de ter um currículo diferenciado, a Escola Estadual Jorge Iaparrá passa a ser escola indígena no ano de 1994 por meio do decreto nº 5402,

com a portaria de criação nº 234/2000. Ressaltamos que o objetivo dessa instituição é proporcionar oportunidades de aprendizado para estudantes indígenas, visando prepará-los para atuar de forma justa na sociedade, formar cidadãos éticos, capazes de compreender tanto o seu próprio mundo quanto o mundo não indígena, adquirindo conhecimento amplo, com ênfase na sua própria cultura. Na sequência dessa proposta, nasce o projeto de literatura e arte, composto de algumas ações que descreveremos a seguir. Sua origem é a nossa preocupação, enquanto indígenas e professores, de refletir sobre uma metodologia de ensino nossa, de modo a pensar práticas que fortaleçam as nossas narrativas, uma vez que estão presentes em tudo, no Turé, que é a nossa dança tradicional, nas roças, nas casas etc.



Foto 1: Sala Encantos da Literatura e Arte Indígena, 2023 (arquivo pessoal)

A primeira ação foi a promoção de atividades na sala também denominada *Encantos da Literatura e Arte Indígena*. Destinada à realização do projeto, é um local para exibição das manifestações artísticas e poéticas vividas no contexto do território indígena, onde se localiza a aldeia Manga. É um espaço muito rico e importante para a garantia e o fortalecimento da nossa comunidade. Trata-se de um espaço cultural da comunidade e da escola onde as experiências vivenciadas em nosso cotidiano resultam na produção de arte

que dialoga com várias linguagens que se misturam entre si, formando uma rede de pensamentos, problematizações, protestos e reflexões sobre a língua indígena, sobre as narrativas e a criação de personagens que integrem a nossa cosmologia, sobre poemas e outras expressões artísticas.



Foto 2: Sala *Encantos da Literatura e Arte*. Recepção dos professores indígenas, 2023 (arquivo escolar)

A sala possui diversas figuras nas paredes, como a Grande Aramari (cobra Grande), muito forte nas nossas narrativas indígenas. Tem também o cantinho da leitura, para acolher as crianças nos encantos do ato de ler. Traz a figura da árvore dos caracóis, que igualmente tem um enorme significado para nós e auxilia os leitores a refletirem sobre os caminhos percorridos na cultura indígena. Ademais, há diversos poemas escritos pelos alunos com temáticas diversas, além de fotografias da aldeia Manga. Assim, o público pode viajar no mundo da literatura e da arte do povo Karipuna por meio desse espaço singular e necessário para a educação escolar indígena.

A literatura e a arte indígena desempenham um papel fundamental na luta pela valorização e preservação das culturas dos povos originários, que são fontes inesgotáveis de inspiração e sabedoria. Por meio dessas manifestações culturais, compartilhamos nossa visão de mundo. *O Encanto da literatura*



*indígena* apresenta em seu alicerce todo esse mistério e respeito que temos com nossos *Karuanãs*.

### Na prática, a literatura indígena

A diversidade de narrativas indígenas orais e escritas são infinitas e se renovam a cada contar, quando transmitem o conhecimento ancestral, as nossas crenças, os valores de cada povo. As nossas histórias trazem temas sobre a relação entre os seres humanos e a natureza, a luta pela preservação cultural e a busca da harmonia e do equilíbrio, da espiritualidade e da identidade.



Foto 3: Apresentação do Turé na Escola Indígena Estadual Jorge Iaparrá, 2023 (arquivo da escola)

Na imagem acima, é possível observar manifestações visuais que representam a cosmologia, o ritual e a vida cotidiana nas comunidades. O Turé é o ritual de agradecimento aos nossos seres sobrenaturais pelas colheitas, roças, água, sol e curas recebidas. O saber fazer dos povos indígenas incorpora os materiais naturais, como madeira, argila, penas e sementes. Criamos peças que expressam nossa identidade, nossa cultura e nosso vínculo com a mãe terra.

Assim, outra proposta do projeto de literatura e arte é trazer reflexões sobre as abordagens didáticas que usamos em sala de aula e, para isso, é necessária a presença do professor indígena propagador da literatura. Assim como na escola não indígena, o professor precisa ter uma visão sobre a importância de ensinar outras literaturas não canônicas e não hegemônicas para alcançar uma educação mais inclusiva e representativa, na escola indígena também é necessário ter docentes preparados para abordar as nossas temáticas.

Esses profissionais contribuem para a diversificação do corpo docente, enriquecem o ambiente educacional com perspectivas culturais diversas e são cruciais para que os estudantes tenham uma compreensão mais ampla e precisa da história e da cultura do indígena.

Outra proposta de atividade dentro do projeto de literatura e arte está registrada a seguir. Como se pode observar, o espaço agora é externo. Por vezes, não usar a sala *Encantos da Literatura e Arte Indígena* ou não estar em qualquer sala de aula é a forma didática encontrada para fazer com que o aluno esteja ao ar livre para sentir a conexão com os elementos naturais da floresta na aldeia.

83



Foto 4: Leitura de poemas. Alunos do 8º ano do Ensino Fundamental da Escola Indígena Estadual Jorge Iaparra, 2023 (arquivo pessoal)



Acima, podemos observar o aluno indígena compartilhando a leitura de um livro. A conexão com o meio ambiente pode permitir ao discente se sentir um ser livre. Essa é, a nosso ver, a maneira que lhe possibilitará produzir textos e pensamentos, refletir sobre o meio que o cerca, trazer os conhecimentos transmitidos pelos mais velhos. Trata-se de um momento único vivenciado por eles. Outra atividade proposta foi o *Café com literatura indígena*, em que os alunos conheceram autores indígenas de várias etnias, leram trechos de seus textos e poemas e aprenderam sobre a biografia de cada escritor.



Foto 5: *Café com literatura Indígena*. Alunos da 3ª série do Ensino Médio da Escola Indígena Estadual Jorge Iaparrá, 2023 (arquivo pessoal)

Foram também realizadas apresentações de narrativas criadas pelos alunos, todas ilustradas com seus próprios desenhos. Por fim, trabalhamos com oficinas de práticas de contação de histórias, permitindo que os alunos pudessem aprender a narrar histórias indígenas e a apreciar a tradição oral tendo em mente uma abordagem ecológica para analisar como a literatura indígena representa e interage com o ambiente natural.



Foto 6: Apresentação da narrativa do açai. Alunos do 7º ano do Ensino Fundamental da Escola Indígena Estadual Jorge Iaparrá, 2023 (arquivo pessoal)

Nos trabalhos em que os alunos experimentaram a escrita, constatamos que suas produções se revelaram ricas quanto à forma estética, pois seus poemas traziam estrofes, rimas, além de manifestarem sentimentos como o de melancolia, entre outros. Também foram produzidos poemas que retratam e exaltam a dança tradicional, que trazem em primeiro plano a identidade e a luta pelos direitos. Eis alguns exemplos dessa produção:

#### **Turé**

O Turé dança linda  
Dança boa  
Que faz parte da minha cultura  
(Adely Renata, 4º ano do Ensino Fundamental I, 2023)

#### **Identidade**

Minha identidade, minha cultura  
Minha cultura minha pintura  
Minhas pinturas belas e puras  
Sou Karipuna menina de luta

Luto por minhas raízes  
Por meus direitos  
Por minha terra  
Que nela semeio  
Luto e luto  
Pois, sou indígena e quero respeito  
(Aluna: Carla Eduarda dos Santos, 3º ano do Ensino médio, 2023)



Ao reconhecer os textos indígenas, motivamos nossos alunos a produzirem suas próprias escritas, principalmente na sua língua materna, assim como buscamos o fortalecimento da cultura e da língua indígena, entendidas por nós como elementos essenciais nos processos de aprendizagem.

Registrar as narrativas dos avós é um dos focos do nosso trabalho como educador escolar. Para nós, professores indígenas, trata-se de uma imensa responsabilidade, uma vez que, “Ao escrever, dou conta da ancestralidade, do caminho de volta, do meu lugar no mundo” (GRAÚNA, 2010).



Foto 7: Apresentação de poemas. Escola Indígena Jorge Iaparrá, 2023 (arquivo do prof. Avelino)

O trabalho de incentivo à literatura e à arte envolve muita dedicação, respeito às culturas e a toda diversidade, além de requerer do professor novas reflexões sobre as propostas didáticas do cotidiano escolar. São experiências que se somam a um imenso aprendizado com os sábios da aldeia, com os alunos, os professores e os artesãos. Saberes e vivências únicas para além do chão da escola. Tendo em vista a adesão e o engajamento dos discentes, consideramos

o projeto literário na Escola Indígena Estadual Jorge Iaparrá uma forma eficaz de promover a literatura indígena entre os alunos.

### Considerações finais

Neste texto, buscamos usar o termo “nós” não para marcar o sentido numérico, como o de três pesquisadores a refletirem sobre um assunto. O “nós” visa evidenciar um coletivo que pensa a literatura indígena. Defendemos a ideia do “nós” enquanto mutirão de intelectuais indígenas produzindo textos escritos. Também pautamos a necessidade contínua de reconhecimento, visibilidade e respeito à literatura dos povos originários, já que, apesar dos avanços, existe ainda um longo caminho a percorrer para garantirmos o reconhecimento adequado para nós, pensadores e escritores indígenas.

Enfatizamos a importância das redes sociais como recurso de difusão dos escritos indígenas, tornando-os mais visíveis e compartilháveis. A nossa experiência de trabalhar com alunos indígenas e suas produções literárias revela a riqueza cultural e a importância da preservação da língua indígena e das tradições ancestrais dos nossos povos.

Acreditamos que nossas ações corroboram para uma discussão preciosa da literatura, assim como lutamos para que mais pessoas tenham acesso a nossas produções e comprem nossos livros porque isso ajuda projetos que muitos parentes indígenas têm em seus territórios. Desejamos que o projeto da nossa escola inspire outras instituições a levarem a literatura indígena na sala de aula. Esperamos também que prevaleça o reconhecimento de que a literatura indígena tem sua autoria vinda de nós. O que Pero Vaz de Caminha, Hans Starden e tantos outros escreveram não nos interessa, pois o que está em nosso horizonte de desejo é a oportunidade de produzir e compartilhar nossos saberes e quebrar os estereótipos difundidos por aqueles escritos etnocentros.

Por meio dos compartilhamentos de nossa literatura e cultura, podemos nos tornar um Brasil multicultural. Acreditamos que o pensamento crítico, assim como a busca de soluções são primordiais para uma diversidade justa e igualitária. A literatura indígena sempre existiu e sempre estará presente na

nossa oralidade e nas profundezas com os nossos encantados, nascendo e florescendo em nosso dia a dia.

## Referências

- ALMEIDA, Bruna dos Santos. Ixtua dji fam-iela narrativas orais de mulheres karipuna: uma análise sobre o lugar de fala da mulher indígena do baixo oiapoque. 2022. 81 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Letras, Universidade Federal do Amapá, Macapá, 2022.
- BARBOSA, J. O. F. *Narrativas orais: performance e memória*. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia) -- Universidade Federal do Amazonas, 2011.
- DORRICO, J. Autoria e performance nas narrativas míticas indígenas Amondawa. 2015. 99f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) - Programa de Pós-Graduação Mestrado Acadêmico em Estudos Literários (MEL), Fundação Universidade Federal de Rondônia (UNIR), Porto Velho, 2015.
- DORRICO, J. et al (org.). *Literatura indígena brasileira contemporânea: criação, crítica e recepção*. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2018.
- FEITOSA, J. M et al. *Narrativas Orais dos Karipuna da Aldeia Manga: da comunidade para o ambiente escolar*. TCC (Graduação) - Curso de Letras Francês, Universidade Federal do Amapá, Oiapoque, 2018.
- GRAÚNA, G. *Contrapontos da literatura indígena contemporânea no Brasil*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2013.
- JECUPÉ, K. W. *O trovão e o vento: um caminho pelo xamanismo tupi-guarani*. São Paulo, Polar Editorial: Instituto Arapoty, 2016.
- KAMBEBA, M. W. W. Literatura indígena: da oralidade à memória. In: DORRICO, J. et al (org.). *Literatura indígena brasileira contemporânea: criação, crítica e recepção*. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2018.
- KAMBEBA, M. W. W. *Saberes da Floresta*. Jandaira. São Paulo. 2020.
- KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. *A queda do céu: Palavras de um xamã Yanomami*. Tradução de Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- Scaramuzzi, I.; Lewkowicz, R.; Mazurek, R.; Benvegnú, V. *Livro dos marcadores do tempo: pesquisas indígenas sobre percepções ambientais e mudanças do clima*. São Paulo: Iepé, 2023.
- MUNDURUKU, D. *Mundurukando2: sobre vivências, piolhos e afetos -roda de conversa com educadores*. Lorena: U'KA Editorial, 2017.
- POTIGUARA, E. *Metade cara, metade máscara*. São Paulo: Global, 2019.

WALTER, R. Prefácio. In: GRAÚNA, Graça. *Contrapontos da literatura indígena contemporânea no Brasil*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2013.

Recebido em: 28/02/2024  
Aprovado em: 15/05/2024